

Povo se une na dor com Dona Risoleta

São Paulo — Primeiro subiu o esquife, envolto na Bandeira Nacional e transportado por seis militares (dois de cada Arma). Depois, entre o Cardeal e o Governador, Dona Risoleta Neves, toda de preto, virou-se para a multidão que se acotovelava à frente da ala oficial do Aeroporto de Congonhas, juntou as duas mãos, beijou-as e as abriu na direção do povo que, comovido, acenou e aplaudiu. Dona Risoleta acenou em resposta.

Era meio-dia, sob um céu azul e com algumas nuvens, a uma temperatura de 23 graus centígrados, o Boeing VC 96 2115 partiu em direção a Brasília, levando de São Paulo o corpo do Presidente Tancredo Neves, seus familiares e assessores mais diretos. Em seguida partiu outro Boeing, da Força Aérea Brasileira, VC 96 2115, com os outros componentes da comitiva fúnebre do Presidente morto. Do lado de fora, uma multidão que nunca se concentrou em tal número no lugar, cantava o Hino Nacional e gritava, em uníssono: «1, 2, 3, 4, 5 mil, Tancredo continua Presidente do Brasil».

Desde as primeiras horas da manhã, o povo começou a se postar ao longo da Avenida Rubem Berta, em frente ao aeroporto, concentrando-se mais na frente da ala oficial, de onde decolou o avião presidencial, e na Praça Lineu Gomes, à frente do portão do aeroporto, onde foram prestadas honras militares ao Presidente morto; apesar da multidão, o comovido silêncio só era interrompido pelo ruído dos jatos que pousavam e decolavam normalmente em Congonhas.

Motos

Na pista, o avião presidencial já estava preparado desde cedo: a suite normalmente usada pelo Presidente foi reservada para o esquife e, à família e aos assessores diretos, foram reservados os 50 lugares da segunda metade do avião. As 11h30, quando o caminhão do Corpo de Bombeiros com o esquife envoltó na Bandeira e flores passou em frente ao aeroporto, todo espaço defronte à ala oficial já estava tomado. O silêncio fora quebrado primeiro pelo ronco das motocicletas que antecederam o cortejo, depois pelos aplausos do

povo que esperava a passagem do ataúde, finalmente, pela embargada voz coletiva que cantava o Hino Nacional e ensaiava alguns slogans como «O povo unido jamais será vencido».

Na entrada do portão este, o cabo Roberto, melhor corneteiro da Aeronáutica, executou o pungente Toque de Silêncio. O som surdo dos 21 tiros de canhão ecoaram na manhã calma.

As 11h45, o caminhão do Corpo de Bombeiros estacionou ao lado do jato presidencial. Os dois bombeiros que ladearam o caixão durante o cortejo, ajudados por mais dois, entregaram a urna a seis soldados das três Forças Armadas — dois da Marinha, à frente, dois do Exército no meio, e dois da Aeronáutica, atrás.

Acenos

Cinco minutos depois, o povo ainda aplaudia a subida do esquife, subiu ao avião pela mesma escada. Dona Risoleta, a viúva do Presidente Tancredo Neves, amparada pelo Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, e pelo Governador do Estado, Franco Montoro. Na porta do Boeing, ela voltou-se para a multidão, comovida, mandou beijos e acenou. Ao meio-dia, o jato presidencial tomou a direção da cabeceira da pista. O povo agitou lenços brancos e aplaudiu. «Risoleta, Risoleta», gritou, em uníssono.

Depois que o segundo jato decolou e o povo começou a dispersar, houve tumulto no terminal de passageiros de Congonhas. O tumulto começou na ala oposta à oficial, reservada à aviação de terceiro nível. Lá alguns arruaceiros quebraram vidraças de lojas e portas de vidro que dão acesso ao terminal. A Polícia Militar reprimiu a arruaça, usando cassetetes e fazendo prisões.

Durante meia-hora, aproximadamente, os usuários do aeroporto tiveram sua rotina quebrada pelas pedras atiradas contra as vidraças das alas doméstica e internacional e pelos gritos e correria dos soldados da Polícia da Aeronáutica encarregados da ordem no local. Feitas algumas detenções, tudo serenou e foi possível sair do aeroporto em paz.